

A assexualidade no discurso jornalístico: uma análise discursiva

The asexuality in the journalistic discourse: a discourse analysis

Lucas GONÇALVES PEREIRA (UNICENTRO)*
lucasgonpe@hotmail.com

Célia BASSUMA FERNANDES (UNICENTRO)
bacelfer@hotmail.com

Recebido em: 28 de jan. de 2019.
Aceito em: 25 de jun. de 2019.

*Apoio à pesquisa recebido da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná.

GONÇALVES PEREIRA, Lucas; BASSUMA FERNANDES, Célia. A assexualidade no discurso jornalístico: uma análise discursiva. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 193-207, set-dez/2019.

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo analisar como o discurso jornalístico significou a assexualidade, bem como os efeitos de sentido que nele irromperam a partir da reportagem “Assexuais: a quarta orientação sexual?”, que circula na página eletrônica do jornal espanhol *El País*. Buscamos ainda verificar se o discurso jornalístico colaborou para sedimentar sentidos sobre a assexualidade ou rompeu com padrões já estabelecidos na nossa formação social. A pesquisa foi desenvolvida pelo viés da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, na década de 1960, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi (1996, 2003), no Brasil, e demais pesquisadores que com ela (com)partilham do mesmo escopo teórico. Após as análises, verificamos que, na reportagem, a assexualidade é significada como uma orientação sexual cujos indivíduos buscam reconhecimento. Verificamos também que houve a quebra de padrões estabelecidos em nossa sociedade, não só em relação a sentidos acerca dos assexuais como acerca do sexo em si. Desse modo, asseveramos que o objeto simbólico recortado para análise rompe com pré-construídos acerca da assexualidade, pois coloca em xeque padrões e valores já impostos sobre o sexo em nossa formação social, permitindo ao sujeito aceitá-los, questioná-los ou negá-los.

Palavras-chave: Assexualidade. Discurso. Sentido.

Abstract: The present article aimed to analyze how the journalistic discourse attributed meaning to asexuality, as well as the effects of meaning that erupted from the reportage “Assexuais: a quarta orientação sexual?”, which circulates on the website of the Spanish newspaper El País. We also sought to verify if the journalistic discourse contributed to consolidate meanings about the asexuality or if it broke patterns already established in our social formation. The research was developed by the bias of French Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, in the 1960, France, and developed by Eni Orlandi in Brazil, and other researchers who share with her the same theoretical scope. After the analyzes, we verified that, in the reporting, asexuality is signified as a sexual orientation whose individuals seek recognition. We also verified that there was the breaking of standards established in our society, not only in terms of meanings about asexuals, but also about gender itself. Therefore, we assert that the symbolic object chosen for analysis breaks with pre-built concepts about asexuality, since they put in check patterns and values already imposed on gender in our social formation, allowing the individual to accept, question or deny them.

Keywords: Asexuality. Discourse. Meaning.

Primeiras palavras acerca da assexualidade

Um dos grandes tabus da sociedade que se desmistificou ao longo do tempo foi o sexo. Na contemporaneidade, em alguns grupos sociais, o sexo é um tema que custa a ser discutido ou é discutido com todo o recato possível, porém, o que não se pode negar, é que houve grandes avanços nessas discussões e hoje o assunto já é tratado com menos pudor e mais liberdade.

Atualmente, há uma comunidade em crescente desenvolvimento, que luta para se tornar visível socialmente sendo reconhecida como uma orientação sexual: os assexuais. Na página virtual da maior comunidade de assexuais do mundo, a *Asexual Visibility and Education Network* (AVEN), é esse conceito que se encontra logo no início do site: “um assexual é alguém que não experiencia atração sexual”. São pessoas que dizem não sentirem a necessidade de se relacionarem sexualmente com indivíduos, independente de suas orientações sexuais ou identidade de gênero.

Historicamente, o primeiro indício da existência da assexualidade, comprovado cientificamente, deu-se com o biólogo e sexólogo americano Alfred Kinsey, nos anos 1950, quando da publicação de seus estudos acerca do comportamento sexual humano: *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953). Em sua pesquisa, Kinsey quantificou que 1% da população norte-americana não se interessava por sexo ou não tinha vontade de praticá-lo e, apesar de seus escritos se centrarem muito mais nos outros 99%, essa parcela minoritária foi delimitada por um X no que ficou conhecido como Escala de Kinsey.

Diferentemente do celibato, em que a pessoa escolhe não se relacionar com outros, e do Transtorno do Desejo Sexual Hipotativo (TDSH), que vem a ser uma patologia caracterizada pela recorrente ausência de desejo sexual, a assexualidade é definida como uma orientação sexual intrínseca ao indivíduo. No entanto, apesar de indicar a não necessidade de ter relações sexuais, alguns assexuais relatam diferentes tipos de atrações, sendo elas atrações românticas, estéticas ou até mesmo sensuais. Atrações românticas se dariam com desejo de estar ligado afetivamente/romanticamente a alguém, atração estética seria a atração pela aparência do outro e a atração sensual se daria com o desejo de ter atividades “sensuais”, como abraçar e beijar. Nenhuma das situações envolveria nenhum tipo de atividade sexual.¹

A partir disso, cria-se, nessa comunidade recente, uma diferenciação no espectro sexual humano, que segundo Oliveira (2015, p. 22), constrói sua identidade sexual em torno do desinteresse sexual e/ou amoroso. Alguns assexuais relatam desejo sexual apenas em raras ocasiões não especificadas e outros o dizem tê-los apenas a partir da construção de laços afetivos muito fortes com alguém. Esses grupos são designados, respectivamente de *Gray-A* e *Demissexuais* e, segundo membros da comunidade, ocupam a área cinza do espectro da assexualidade. Nesse espectro assexual, além de compreender essas outras orientações, há também a divisão entre envolvimento sexuais e românticos, pois muitos assexuais não têm o interesse sexual, mas ainda assim se apaixonam. Segundo Oliveira (2015, p. 66-67), esse grupo é dividido em *arromânticos* (não sentem atração romântica), *homorromânticos* (sentem atração romântica pelo mesmo gênero), *heterorromânticos* (sentem atração romântica pelo gênero oposto), *birromânticos* (sentem atração romântica pelos dois gêneros) e *panromânticos* (sentem atração romântica independente de identidade de gênero).

Foram esses discursos que irromperam sobre a assexualidade e essas variações no comportamento assexual que nos interessaram como objeto de estudo, visando à contribuição para os estudos acerca da assexualidade como um todo, em especial para os estudos da área discursiva. Tais discursos se encontram materializados na reportagem: “Assexuais: a quarta orientação sexual?”, que circulou pela coluna *Estilo*, na página eletrônica do jornal *El País*, em 04/10/2016, de autoria da jornalista Bárbara Ayuso, que por meio de entrevistas, significam esse grupo social.

¹ Disponível em <https://www.asexuality.org/>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

Objetivos

Em termos gerais, pretendemos, neste trabalho, analisar como o discurso jornalístico significa a assexualidade, bem como os efeitos de sentidos que nele irrompem. Mais especificamente, buscamos; a) investigar quais efeitos de sentido são produzidos no/pelo discurso jornalístico no que se refere à assexualidade; b) Verificar se o discurso jornalístico colabora para sedimentar sentidos sobre a assexualidade ou rompe com padrões já estabelecidos na nossa formação social.

Metodologia

O primeiro acesso à reportagem em questão se deu no dia 25 de abril de 2018 a partir de pesquisas acerca do tema “assexualidade”, que nos despertava interesse. A reportagem foi escolhida como corpus do trabalho por acreditarmos vir de um veículo midiático de grande relevância internacional, sendo o jornal de maior tiragem da Espanha e de grande visibilidade internacional.

Para que conseguíssemos atingir nossos objetivos e chegar aos resultados, ancoramos, teoricamente, este trabalho, na Análise de Discurso de linha francesa (AD), teoria criada na França, na década de 60, por Michel Pêcheux, que tem por objetivo investigar como um objeto simbólico produz sentidos, pelas relações estabelecidas entre a língua, o sujeito e a história.

Por esse viés, entendemos o texto jornalístico como um dos lugares onde o discurso, compreendido por Pêcheux (2014, p. 72) como “efeito de sentido entre locutores”, se materializa, permitindo observar a inscrição do sujeito em uma ou mais formações ideológicas, definidas pelo autor como “[...] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166, grifos do autor).

No discurso, as formações ideológicas (FI) se materializam por meio de formações discursivas (FD), compreendidas pelo mesmo autor como “o que pode e o que deve ser dito” a partir de uma posição em uma determinada conjuntura (PÊCHEUX; FUCHS 1997, p. 147). Logo, o sentido não existe por ele mesmo, mas é determinado pela posição ideológica ocupada por aquele que produz o dizer, ou seja, muda conforme a posição que o sujeito ocupa no momento da produção do discurso.

A partir disso, podemos dizer que todo discurso é ideologicamente marcado ou nos termos de Orlandi (2003, p.43), que “[...] o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro”. Desse modo, o sentido pode ser sempre outro e uma palavra não significa, em uma FD, o mesmo que significaria em outra. Esse é o trabalho da ideologia na língua e se dá, porque “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Para proceder às análises, dividimos o texto recortado em sequências discursivas (SDS), nos termos de Courtine (2009, p. 55), que as define como “[...] sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, que não correspondem a frases delimitadas por sinais de pontuação que se sucedem, mas de discursos que se organizam e funcionam juntos no processo de produção de sentido.

Discussão e resultados

Primeiramente, para que pudéssemos analisar a reportagem com maior apuramento, atentamos para as condições de produção dos discursos, que compreendem os sujeitos, a situação de enunciação, o modo como a memória discursiva é acionada no processo discursivo e também o mecanismo da antecipação (ORLANDI, 2003, p. 30). A reportagem: “Assexuais: a quarta orientação sexual?” foi publicada na edição *online* do jornal espanhol *El País*.

A reportagem é de autoria de Bárbara Ayuso e foi publicada na coluna *Estilo*, versão *online*, do jornal espanhol *El País*, na qual são abordadas temáticas variadas, como moda, gastronomia, beleza, sexualidade, séries, feminismo, cultura, dentre outras. Podemos dizer, então, que nessa coluna são publicadas notícias e reportagens acerca de tendências ou modos de comportamento característicos ou de interesse de determinados grupos e/ou subgrupos culturais.

A temática em que a reportagem de Ayuso foi catalogada pelo *site* e que figura acima do título é “Identidade Sexual”, utilizada para designar uma orientação sexual. O termo “Identidade sexual”, segundo Mota (1998, p. 147), pode ser compreendido como:

[...] uma construção intimamente ligada às práticas sexuais que se apresentam como uma expansão de estilo de vida, em virtude de desejos sexuais cada vez mais específicos, que assegura para os sujeitos um contexto de identidade coletiva, no qual encontram os pares com quem vão manter relações. (MOTA, 1998, p. 147).

Além disso, a reportagem aparece arquivada com outros termos relacionados: sexo, direitos civis, direitos humanos, sexualidade, estilo de vida e sociedade. A partir disso, podemos afirmar que o jornal/jornalista, ao produzir o discurso, utiliza-se do mecanismo de antecipação, ou seja, coloca-se no lugar do sujeito-leitor, antecipando os sentidos que serão produzidos por suas palavras. Para Orlandi (2003, p. 39), “[...] esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que um sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa em produzir em seu ouvinte.” Relacionando esse conceito com o discurso jornalístico, podemos dizer que o mecanismo de antecipação refere-se à capacidade do jornalista de se colocar no lugar do seu interlocutor, a fim de antecipar o sentido que suas palavras produzirão no leitor, articulando, dessa maneira, seus dizeres.

Segundo Benetti (2008, p. 13), o discurso jornalístico parte do princípio de que há sempre um determinado público leitor para determinada temática de reportagem:

O jornalista que enuncia tem uma imagem sobre si, seu papel e sua identidade. Essa imagem está alicerçada tanto em ideais como verdade e credibilidade quanto na consciência (às vezes nem tão consciente assim, pois internalizada) sobre as condições de produção do discurso. O jornalista também tem uma imagem sobre seu leitor. (BENETTI, 2008, p. 19).

Por esse viés, o título da reportagem “Assexuais: a quarta orientação sexual?” chama a atenção do leitor por produzir o efeito de sentido de dúvida, de questionamento sobre o real reconhecimento acerca da assexualidade como uma (nova?) orientação sexual e pode ser compreendido como um discurso polêmico, conforme Orlandi (1996, p. 154), na medida em que deixa espaço, ainda que ilusoriamente, para a discussão, para o debate e até mesmo para a contestação. Conforme a autora, um dos critérios para estabelecer uma tipologia textual é a noção de reversibilidade, que diz respeito à “dinâmica da interlocução”, sem a qual, o discurso não se constitui (ORLANDI, 2003, p. 239). No caso desse título, ao produzir o discurso, o leitor tem a ilusão de que participa do discurso, ou seja, de que há espaço para a sua resposta.

Além disso, o título da reportagem ressoa, pelo funcionamento da memória discursiva, o esquema de duas dimensões estabelecido pelo psicólogo americano Michael Storms (1980), que delimita quatro orientações sexuais: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e assexualidade. Conforme Orlandi (2003, p. 31), a memória discursiva é “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está

na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Assim sendo, tudo o que já foi dito por outros sujeitos, em momentos até distantes, a respeito das orientações sexuais, é atualizado no eixo da formulação. De acordo com a autora, “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 32). Esse sentido de assexualidade como uma possível “quarta orientação” é reforçado na linha fina, que consiste em um resumo do que será dito na reportagem e que se apoia no título.

Para fins de análise, recortamos a reportagem em Sequências Discursivas (SD), nos termos de Courtine (2009, p. 55), que as define como “[...] sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, conforme já mencionamos.

Na SD1 é (re)produzido o discurso de Rafael, um astrofísico de 27 anos e assexual, que usa uma gravata com as cores cinza, preto, branco e roxo, que remetem à bandeira assexual. Devemos atentar aos dizeres da jornalista de que a utilização dessas cores seria “uma mensagem clara” acerca da assexualidade de Rafael. Porém, “clara” para quem? Do ponto de vista discursivo, podemos dizer que a utilização de tais cores seriam evidentes apenas para os próprios membros da comunidade assexual ou para pessoas que estivessem ligadas a ela de alguma forma e, que segundo a reportagem, lutam por reconhecimento, sinalizando para o fato de que ela não tem visibilidade.

A seguir, há uma explicação do que não vem a ser a assexualidade, com sentidos muitas vezes recuperados de outros domínios do saber, como da igreja e da medicina sobre pessoas que não se interessam por sexo e que retornam ao fio do discurso pelo funcionamento da memória discursiva: celibatários, imaturos, impotentes, inexperientes ou traumatizados. Para Pêcheux (2014, 146), “[...] as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1997, p. 160). Dizendo de outro modo, o sentido é determinado em referência às posições ideológicas, por ele compreendidas como “[...] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX, 2010, p. 163, grifos do autor) e que, no processo discursivo, são representadas pelas formações discursivas que determinam o que o sujeito pode/não pode ou deve/não deve dizer numa determinada situação enunciativa.

Para dar sustentação ao discurso jornalístico e produzir o efeito de sentido de verdade incontestável sobre o conceito a existência dessa comunidade, são trazidos dados obtidos por um sexólogo que normaliza/normatiza a ausência de atração sexual, pois quem diz é um especialista em comportamentos sexuais humanos e, logo, autorizado a dizer o que diz. Contudo, a ilusão de discurso polêmico instaurada no título cai por terra e o que verificamos, na sequência, é a formulação de um discurso autoritário, que, para Orlandi (1996, p. 154), é assimétrico e a reversibilidade tende a zero, pois não abre espaço para a contestação e para a dúvida.

Na SD2, a jornalista retoma o relatório do biólogo e sexólogo americano Alfred Kinsey, pioneiro nas pesquisas acerca da sexualidade humana e primeiro a mostrar a existência de pessoas que não se interessariam por relações sexuais. Como a ausência de desejo sexual não era sua prioridade, nas pesquisas, Kinsey a deixou de lado, apenas a registrando com um “X” e dando continuidade aos estudos acerca das outras variações do comportamento sexual humano. Para a jornalista, esse “X” significa uma incógnita inicial, pois, apesar de haver um primeiro vislumbre do que seria a assexualidade nesse período (anos 1950), não foram feitas pesquisas que a tomassem como objeto de estudo. Porém, ainda assim, os estudos de Kinsey foram de grande relevância para a comunidade assexual, uma vez que as cores da bandeira do movimento (preto, branco, cinza e roxo) também ressoam sentidos de uma homenagem ao trabalho do biólogo e sexólogo americano.

Para produzir o efeito de sentido de que aquilo que está sendo dito não pode ser questionado, a jornalista traz para o fio do discurso a fala de Rafael, que diz que cada cor simboliza “uma das opções e o roxo, a comunidade”. Essa SD pode sinalizar para dois possíveis efeitos de sentido: 1) ao trazer o discurso de um sujeito assexual, produz-se o efeito de sentido de verdade, pois Rafael faz parte dessa comunidade, portanto, produz o discurso do interior da FD na qual se inscreve; 2) isentar-se da responsabilidade do discurso, produzindo o efeito de sentido de neutralidade, próprio do discurso jornalístico.

Na SD2 há uma sucessão de explicações acerca da assexualidade com base nos dizeres de Rafael, que têm início com uma associação da condição do entrevistado com o que já foi dito na reportagem acerca dessa orientação sexual: Rafael era uma incógnita para si mesmo, assim como a assexualidade era na equação do desejo. Para ele, não interessavam nem os garotos e nem as garotas, enquadrando-se no “X” de Kinsey, que comportava

a nulidade de atração sexual nas pessoas estudadas. Segundo a jornalista, Rafael era diferente dos demais, uma vez que não passou pelo despertar sexual, ocasionando um estranhamento das pessoas ao seu entorno na escola. Sofreu *bullying*, sendo chamado de estranhíssimo e homossexual.

Mais uma vez se pode relacionar essa falta de conhecimento sobre si, sobre quem se é, para um assexual, além do *bullying* sofrido por Rafael, a dizeres que são retomados constantemente no cotidiano de uma formação social sexualizada como a nossa, que normaliza a sexualização exacerbada dos corpos e onde ressoam discursos acerca da sexualidade masculina, cobrando que o homem tenha parceiras sexuais constantes, pois, do contrário, sua sexualidade será questionada.

A SD3 trata do momento de descoberta de Rafael como um assexual. A jornalista novamente dá voz a Rafael, que, após a descoberta sobre sua orientação, diz ter percebido ser “algo perfeitamente normal” e explica como se dá essa falta de desejo a partir de um exemplo cotidiano. O fato de Rafael enfatizar a normalidade em ser assexual contribui para cristalização de discursos acerca dessa comunidade, derrubando pré-construídos criados acerca das pessoas que não sentem atração sexual, uma vez que, para a nossa formação social, o sexo é inerente ao indivíduo. Para Pêcheux (2010, p. 99), o pré-construído permite “[...] designar uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”.

No discurso do astrofísico, entram em confronto duas FD: a das pessoas que se identificam com a assexualidade e a das pessoas que se identificam com outras orientações sexuais. Esse jogo de sentidos aponta para a relação de forças, constitutiva dos discursos, uma vez que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2003, p. 39). Quando Rafael fala da posição de sujeito que se identifica com outras orientações sexuais que não a sua, reproduz um saber discursivo, ou seja, já-ditos que não se inscrevem no interior da FD que o domina, porém, ao retomar a posição de sujeito assexual, identifica-se com a FD no interior da qual se inscrevem os discursos sobre a assexualidade.

Na SD4, é (re)produzido o discurso de Márcia, uma garota assexual amiga de Rafael. Ambos se conheceram em um fórum da AVEN acerca da personagem Naoko, do livro *Norwegian Wood*, de Haruki Murakami, a qual assume que é assexual pelas características comportamentais da personagem no livro, que, apesar de não levantar bandeira alguma e nem rotular a personagem em questão como assexual, produz discursos que se inscrevem nessa FD.

Márcia cita discursos da narrativa com os quais se identifica, como, por exemplo, as formulações sobre o sentimento de culpa por não ter relações sexuais com o namorado, a tentativa de relacionamento com uma pessoa do mesmo gênero e até mesmo o sexo não consensual. Essa maior ou menor identificação com os discursos são explicados pela AD. Segundo essa teoria da interpretação, ao nascer, somos interpelados por diversas ideologias, que se materializam nos nossos discursos e pelas quais somos afetados, como sujeitos, embora nem sempre nos demos conta disso. Para Pêcheux (2010), a ideologia é, então, constitutiva da prática discursiva e existem três modalidades de tomada de posição que atestam a inscrição do sujeito em uma ou outra(s) formação discursiva(s). A primeira delas caracteriza o discurso do “bom sujeito”, uma vez que o sujeito não contesta aquilo que lhe é dado a ver e a pensar pela forma-sujeito que regula a FD, ou seja, ele se identifica plenamente com os dizeres da FD que o domina.

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, pois o sujeito da enunciação contesta, duvida, questiona os dizeres inscritos na formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso, contudo, permanece nela, caracterizando a contraidentificação. A última modalidade proposta por Pêcheux é a *desidentificação*, pela qual o sujeito enunciador se distancia dos discursos inscritos em uma formação discursiva, inscrevendo seu dizer em outra(s) (PÊCHEUX, 2010, p. 199-200).

O que ocorre é que existe uma ideologia dominante que perpetua dizeres acerca do sexo, condicionando-nos a entendê-lo como parte fundamental e natural do ser humano, e que relaciona qualquer pessoa que não se identifique com esse “conjunto de ideias e representações” (PÊCHEUX, 1997), como estranha ou anormal aos olhos da formação social em que vivemos. É a desidentificação com esses discursos que ressoam nos dizeres de Márcia: “Você se sente muito alienígena porque não pode estabelecer empatia com os outros. Sente que tem de fingir ou aparentar, para se encaixar” e uma consequente identificação com os discursos sobre a assexualidade recorrentes nessa comunidade, que afetaram o modo como, tanto ela como Rafael, significam o mundo e a si mesmos.

Essa inscrição na FD da assexualidade pode ser observada a partir do subtítulo “Assexual não significa ‘nada de sexo’”, que desmistifica alguns sentidos que irrompem acerca dos assexuais, como o de que eles não mantêm nenhum tipo de relação afetiva. Na SD 5, a inscrição na FD da assexualidade também é verificada nos discursos de Rafael e Márcia acerca de relacionamentos pelos quais passaram.

O que ressoa, nos dizeres de Márcia, no fio do discurso, é que há uma pressão muito grande por parte da família para que haja relações sexuais nos relacionamentos conjugais. Isso pode ser explicado pela influência do discurso da igreja, principalmente em lares conservadores, que acredita que só há consumação do casamento a partir do sexo, ou ainda, que a principal função do casamento é gerar filhos, assegurando o propósito divino da reprodução da espécie humana e, sem a qual, a mulher se sentiria incompleta. Nessa mesma SD, a jornalista faz uma referência acerca de um livro de um antropólogo que afirma ser possível um assexual viver uma vida de casal, evidenciando que os discursos pelos quais os assexuais se sentem pressionados a manterem relações sexuais são cristalizações de uma ideologia conservadora dominante.

Na SD6, os assexuais são significados como sujeitos que não fazem sexo, o que, segundo a jornalista, é errôneo, uma vez que, segundo ela, as orientações sexuais constituem “um espectro amplo”. Tal espectro faz com que pensemos no termo “assexual” como um termo guarda-chuva, ou seja, assim como o termo “trans” abarca toda uma comunidade de pessoas que não se identificam com o binarismo de gênero imposto sócio-historicamente, “assexual” também abarcaria uma gama de orientações sexuais que vão contra a pseudo-dicotomia amor e sexo, cristalizada por séculos. Ressoam, nessa SD, memórias, segundo as quais, a união de um casal perante Deus é feita pelo sacramento do matrimônio e o sexo tem como único intuito a reprodução. Esses sentidos foram perpetuados ao longo dos anos e acabaram por constituir verdades absolutas, que discursivamente, com base em Pêcheux podemos designar de pré-construídos, conforme já mencionamos, porque sustentam outros discursos.

Nessa mesma SD, é reproduzido o discurso de Marta Torca, ativista da comunidade assexual, que afirma que há um reducionismo do termo assexual pela sociedade, que o relaciona com pessoas desinteressadas pelo sexo: “o que acontece é que se simplifica o não sentir atração sexual, que é equiparado a um comportamento não sexual, e daí a uma vida de monge” (AYUSO, 2016, s/p).

Mais uma vez, os sentidos acerca da assexualidade resultam de já-ditos que se sedimentaram na nossa formação social, altamente sexualizada, contudo, relacionar a falta de atração sexual com a vida monástica seria o mesmo que relacionar a falta de sexo à impossibilidade de viver uma relação afetiva, ou ainda, de compará-la ao celibato. Há, então, uma desidentificação do sujeito social inscrito nesse discurso reducionista com a FD da assexualidade, pois o celibato é uma escolha enquanto a orientação sexual é algo intrínseco ao indivíduo.

Na SD7, a jornalista explica que alguns assexuais podem manter relações sexuais frequentes por alguns motivos, como agradar o parceiro, procriar ou porque podem sentir desejos esporádicos e que ressoam, mais uma vez, a pressão social sofrida pelos assexuais e que deriva de uma ideologia dominante que determina a maneira como o sujeito se inscreve na língua e na história (ORLANDI, 2003, p. 35). Ainda nessa SD, é reproduzido outro discurso de Torca, que afirma que a compreensão da sociedade será feita a partir de um caminho longo e custoso, fazendo ecoar discursos já cristalizados em nossa sociedade acerca do sexo.

Na última parte da R1, que recebe o título de “Ativismo e visibilidade”, é dada visibilidade a um dos problemas enfrentados pelos assexuais ao longo de sua luta. De acordo com Márcia, quando havia encontros organizados pela comunidade virtual assexual, eram convocadas pessoas “com” assexualidade, que produz o efeito de sentido de doença. Esse modo de compreender a assexualidade inscrevia o dizer no domínio da medicina, o que, em termos práticos, dava margem para propor tratamentos para “corrigir” a assexualidade. Esse efeito de sentido de patologia é reforçado na SD9 onde irrompem, no fio do discurso, sentidos de que a assexualidade deixou de ser compreendida como um transtorno somente em 2013, quando houve a quarta revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM – IV), elaborado pela *American Psychiatric Association*, desde 1952 e utilizado por profissionais da saúde para definir e classificar transtornos mentais.

Nas SD8 e SD9, o discurso jornalístico defende a despatologização da assexualidade e propõe que assexuais possam procurar especialistas a fim de obter esclarecimentos sobre o que é essa orientação sexual. Porém, segundo o discurso jornalístico, ainda existem sexólogos que discordam disso e defendem que os assexuais possuem um transtorno moldado na infância. Os assexuais buscam argumentos em pesquisas de outros especialistas, também dessa área, para desmistificar esses discursos.

O sentido de assexualidade como resultado de algum trauma também é produzido na SD10, em que são apontados alguns questionamentos que os assexuais recebem quando dizem não sentirem atração sexual, dentre eles: “não pode ser”, “é que você não teve uma boa experiência”, “você não conheceu a pessoa adequada”, “você não é homossexual?”, “olhou os hormônios? Pode também ser um problema de libido”. Essas formulações ressoam, pelo funcionamento da memória discursiva, já-ditos, segundo os quais, o sexo é algo natural

ao ser humano, e não se interessar por ele rompe com a ordem da normalidade, provocando o estranhamento. Nesse caso, tudo o que já foi dito sobre sexo e amor, orientação sexual, libido, etc. está, de certo modo, significado no fio do discurso.

A SD11 dá visibilidade a um comercial televisivo espanhol da marca de colchões Flex, lançado em 2016, que dura um minuto e traz, para o eixo da formulação, discursos produzidos por quatro assexuais. O enunciado “*en la cama, cada uno puede hacer o no hacer lo que quiera*” (na cama cada um pode fazer ou não fazer o que quer) inscreve o dizer na FD da assexualidade, rompendo com sentidos já sedimentados, produzindo o efeito de sentido de equidade e de respeito para com essa comunidade.

Na SD12, são produzidos discursos acerca da assexualidade masculina e ressoam sentidos de que homens, em nossa formação social, recebem uma educação diferente em relação ao sexo durante a vida, pois, numa sociedade machista e patriarcal como a nossa, as mulheres são educadas para compreender o sexo como modo de assegurar a reprodução da espécie humana, enquanto para os homens, o sexo significa prazer. Isso ocorre porque, para a ativista Torca:

a ideia de masculinidade está muito associada com o sexo, quem não faz parece que é menos homem. [...] se uma moça bonita se insinua para um rapaz, e ele lhe diz não, é logo tachado de maricas e tem de aguentar piada e alfinetadas (AYUSO, 2016, s/p).

Esses discursos estão enraizados na nossa formação social e se inscrevem em uma FD machista e patriarcal, segundo a qual, homens heterossexuais precisam afirmar sua sexualidade constantemente e uma forma de fazê-lo é mantendo relações sexuais frequentes, caso contrário, sua orientação sexual será questionada. Esses discursos ressoam sentidos que se desidentificam com a FD assexual e também vão contra toda uma FD LGBTQ+, uma vez que inferiorizam o homem homossexual em relação ao heterossexual, além de significar as mulheres como meros objetos sexuais masculinos.

Na SD14, última dessa reportagem, os dizeres que constituem o título da reportagem e a linha fina retornam no fio do discurso, produzindo o efeito de fechamento. Para produzir esse efeito de sentido, o discurso jornalístico faz retornar os dizeres da ativista Marta Torca, de acordo com os quais, a comunidade assexual possui, como agenda política, ser reconhecida como uma quarta orientação sexual, retomando o modelo de Storms já citado nesse artigo. Entretanto, no

dizer seguinte, Márcia, ao invés de usar a palavra “orientação” para alinhar-se ao discurso da ativista, utilizou “opção”, que produz o efeito de sentido de escolha em ser de tal modo.

Considerações finais

Neste trabalho, nosso principal objetivo foi analisar como o discurso jornalístico significa a assexualidade, pelo viés da teoria do discurso, bem como os efeitos de sentido que nele irrompem. Pretendíamos, ainda, investigar os efeitos de sentido produzidos no/pelo discurso jornalístico no que se refere à assexualidade e verificar se ele colabora para sedimentar sentidos sobre a assexualidade ou rompe com padrões já estabelecidos na nossa formação social.

Na reportagem em questão, a assexualidade é significada, pelo discurso jornalístico, como uma orientação sexual, cuja comunidade luta por reconhecimento. Para formular o discurso, a jornalista traz para o eixo da formulação discursos produzidos por três entrevistados envolvidos com a causa, produzindo o efeito de sentido de verdade, pois se trata de sujeitos autorizados a dizer o que dizem e, logo, não é possível contestá-los. Pensamos que, ao utilizar discursos de autoridade para validar o que diz, a jornalista faz uma tentativa de desmistificar outros sentidos que ressoam acerca dessa orientação sexual, na nossa formação social.

Ao final do nosso movimento analítico, podemos afirmar que circulam muitos pré-construídos acerca dos assexuais e que há um ativismo constante que busca dar visibilidade a essa nova orientação sexual, de forma a romper com sentidos já sedimentados na nossa formação social. Vivemos em uma sociedade hipersexualizada e pensamos que a circulação de discursos jornalísticos como esse aqui analisado colabora para romper com esse “conjunto de ideias e de representações” (PÊCHEUX, 2014) já enraizados na nossa formação social, pois dão visibilidade às lutas e conquistas de minorias sociais, como é o caso dos assexuais.

Por esse viés, compreendemos o discurso jornalístico como importante meio de veiculação de ideologias e ressaltamos o fato de que ele somente se pretende neutro, já que, apesar do cuidado de tentar produzir um discurso imparcial, os sentidos deslizam seja porque o jornalista usou essa ou aquela palavra ou porque se identificou, questionou, duvidou ou negou dizeres inscritos em diferentes domínios do saber, denunciando sua inscrição em uma ou mais formações

discursivas. Isso acontece porque, de acordo com a teoria na qual ancoramos este trabalho, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, 2003, p. 15).

Referências bibliográficas

AYUSO, Barbara. Assexuais: a quarta orientação sexual?. **El País**, Madri, 4 out 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/25/estilo/1474774500_292073.html. Acesso em: 25 abr 2018.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, v 8, n 15. São Paulo: PUCSP, 2008.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do Discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EDUFSCAR, 2009.

KINSEY, Alfred C. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1948.

KINSEY, Alfred C. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1953.

MOTA, Murilo Peixoto da. Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos da AIDS. **Cad. Saúde Pública**. v.14. n.1. jan./mar.1998. p.145-155.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **“Minha vida de Ameba”**: os scripts sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. 2015. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ORLANDI, Eni. **A Linguagem e seu Funcionamento**: As Formas do Discurso. São Paulo: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et. al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

STORMS, Michael D. Theories of Sexual Orientation. **Journal of Personality and Social Psychology**, Vol. 38, No. 5, p. 783-792, 1980.